

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
LUX PRÉMIO DO PÚBLICO 2025
14 de março de 2025

JULIE ZWIJGT / 2024
(O Silêncio de Julie)

Um filme de Leonardo Van Dijl

Realização: Leonardo Van Dijl / *Argumento:* Ruth Becquart, Leonardo Van Dijl / *Música:* Caroline Shaw / *Direção de Fotografia:* Nicolas Karakatsanis / *Montagem:* Bert Jacobs, Ludo Troch (supervisão) / *Design de Som:* Boris Debackere / *Produção:* Gilles Coulier, Gilles De Schryver, Wouter Sap, Roxanne Sarkozi, Delphine Thomson / *Coprodução:* Kristina Börjeson, Jean-Pierre Dardenne, Luc Dardenne, Anthony Muir, Nima Yousefi / *Produção Associada:* Valérie Berlemont / *Produção Executiva:* Edgar Daarnhouwer, Dirk De Lille, Stuart Duguid, Marcin Luczaj, Olivier Mortagne, Jan Naszewski, Naomi Osaka, Federica Sainte-Rose, Martien Uyttendaele, Leonardo Van Dijl, Florian Zeller / *Casting:* Sien Josephine Teijssen / *Direção Artística:* Quentin Warzee / *Guarda-roupa:* Ellen Blereau / *Interpretações:* Tessa Van den Broeck (Julie), Grace Biot (Laure), Alyssa Lorette (Inès), Noah Lecloux (Noah), Luca de Maar (Luca), Qays Jahier (Qays), Tommy Buyl (Tommy), Claire Bodson (Sofie), Pierre Gervais (Backie), Laurent Cardon (Jeremy), Tamara Tricot (Aline), Ruth Becquart (Liesbeth, a mãe), Koen De Bouw (Tom, o pai), Tuurvan Boxem (irmão), Sofie Decler (Professora de Alemão), Tijmen Govaerts (Professor de Biologia) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em francês, neerlandês e alemão com legendas em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia Mundial:* 18 de maio de 2024, Cannes Film Festival – Critics’ Week / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Se Julie (Tessa Van den Broeck), jovem aspirante a tenista profissional, tivesse revelado alguma coisa logo após tomar conhecimento das suspeitas que recaíam sobre o seu treinador, Jeremy (Laurent Cardon), o filme teria sido outro. Como explicou o próprio realizador (*in vídeo publicado online* por La Semaine de la Critique, em 19 de maio de 2024, intitulado “Interview - Leonardo Van Dijl, director of JULIE ZWIJGT [Julie Keeps Quiet]”), o belga Leonardo Van Dijl, o que se pretendia tornar central nesta sua primeira longa-metragem, rodada integralmente em película (escolha arriscada mas lógica num filme acerca de uma personagem num estado de assinalável vulnerabilidade), era o processo lento e penoso da denúncia, sobretudo para uma adolescente que pensa ter uma relação especial com o seu treinador. É ele que lhe dá a entender isso mesmo quando diz que Julie é diferente, tem um potencial e talento que as outras tenistas treinadas por ele, nomeadamente Aline (Tamara Tricot), a sua última e mais grave vítima, não têm ou estão longe de vir a ter.

Van Dijl faz do silêncio o principal elemento temático e estético dentro do que, na senda de Susan Sontag, poderíamos definir como uma “escrita de grau zero”, reduzindo o filme a elementos mínimos: se, por um lado, o formato largo da imagem permite enquadrar o espaço que rodeia a protagonista, por outro, a insistente desfocagem do *background* retira-a (*descola-a*) desse mesmo espaço. O silêncio promove a introspeção e, no limite, o isolamento da protagonista. Ao mesmo tempo, a própria atriz, tenista na vida real, alterna entre ações bruscas e outras coordenadas, quando exercita o corpo e movimenta a raquete no *court*, com momentos de extrema imobilidade, quando a vemos a assistir às aulas ou a enfrentar, passiva, as perguntas dos adultos, tanto em casa, face aos pais, como no clube de ténis e na escola, face a treinadores, elementos da direção e professores. A força do filme radica exatamente nestes pequenos contrastes geridos com precisão e numa distância sempre justa em relação ao drama representado. O filme, na sua própria construção formal, é empático com a dúvida que a corrói por dentro: afinal, tem razões Julie para denunciar o treinador

que tanto acredita nela e em relação ao qual parece nutrir um fascínio especial? O filme, que coloca o mundo da personagem em primeiro plano, não oferece respostas fáceis a uma questão tão sensível como esta.

Não surpreende ver os nomes dos irmãos Dardenne, Luc e Jean-Pierre, nos créditos finais, na qualidade de produtores associados. A câmara cola-se à pele da jovem Julie um pouco como acontece na obra de consagração desta dupla belga, **Rosetta** (1999). O que releva da experiência de **Julie zwijgt** é a sensação de que habitamos o silêncio como quem habita “uma bolha”, havendo, nesse sentido, uma cumplicidade (deveras silenciosa) entre a protagonista e a câmara. Esta última contempla cada expressão, cada gesto e movimento mais ou menos brusco, mais ou menos coordenado da sua “heroína”. Uma marcação tão cerrada a uma personagem lembra, pois claro, a proposta rosselliniana, cara aos Dardenne, de não fazer do filme muito mais do que esse movimento de seguir uma personagem nas suas indagações. Aqui, essa procura é, acima de tudo, interior. E o *suspense* é gerado e gerido pela espera relativa ao momento – acontecerá? – em que Julie decide falar e, com isso, fazer estalar de vez a “inocência-até-prova-em-contrário” de Jeremy.

Ao cineasta não interessará que essa quebra seja clara e taxativa, porque se há algo que **Julie zwijgt** transmite de maneira inequívoca é que cada caso é um caso. Com efeito, a denúncia pode ser tão custosa quando entendida interiormente como injusta ou o silêncio pode ser usado pelas vítimas de abusos vários como um refúgio ou um princípio de terapia a ser respeitado: “Acho que a maior lição que aprendi ao fazer este filme é que a verdadeira ‘agência’ [*agency*] é deixar alguém dizer ‘não sei’ ou ‘vou pensar nisso’. Porque, em situações difíceis, é muito sobre ‘sim’ ou ‘não’. Um espaço de segurança tem mais que ver com um ‘talvez’”, concluiu o realizador em entrevista (in “Interview - Leonardo Van Dijl, director of JULIE ZWIJGT [Julie Keeps Quiet]”). A linha é ténue entre o companheirismo de um treinador muito próximo (há uma cena ao telefone em que Jeremy revela essa atenção a cada pormenor, nomeadamente à presença do pai de Julie nas provas físicas, algo que lhe poderá afetar a *performance*) e o sequestro emocional e abusivo de um menor por um adulto. Julie tem o seu tempo e todos à sua volta tendem a respeitá-lo, a começar pela própria câmara, perscrutadora, mas sempre a jogar o jogo da espera, cuidando e amparando a personagem enquanto esta choca, como um ovo, o peso da denúncia.

Luís Mendonça